

***A Chave do Tamanho:* a (re)construção pela fantasia**

A inclusão de *A Chave do Tamanho* (LOBATO, 2003) em nossas apreciações obedece a propósito relativamente diverso, em primeira análise, do objetivo central deste trabalho. Ao contrário das obras anteriormente abordadas, o gênio de Lobato em *A Chave do Tamanho* não promoverá um banquete com histórias e personagens de outras tradições, nem tratará de uma aventura maravilhosa em lugar distante e incerto. A fonte será o mundo ‘real’ contemporâneo à escrita da obra.

A primeira edição de *A Chave do Tamanho* data de 1942. A humanidade enfrenta os horrores da Segunda Guerra Mundial – mais do que isso, encara a si mesma como a protagonista desses mesmos horrores.

Já no primeiro capítulo da obra, intitulado *Pôr de sol de trombeta*, intuímos imediatamente qual será o tom deste clássico lobatiano. Se em *O Minotauro* destacamos a passagem do nascer do sol descrito poeticamente através da imagem da deusa Aurora, em *A Chave do Tamanho* as primeiras palavras da narrativa emprestarão suas tintas literárias à descrição do fim do dia: provavelmente a imagem simbólica do fim iminente de uma civilização e da crença que se tinha na grandeza dela.

No mesmo sentido, é também neste primeiro capítulo que Emília traz significativamente o tema da *opressão* para a obra, quando cita textualmente os imortais últimos versos do poema *O Navio Negreiro*, de Castro Alves:

Andrada! Arranca esse pendão dos ares!
Colombo! Fecha a porta dos teus mares!

Logo depois, chega ao Sítio o carteiro trazendo jornais onde Pedrinho lê várias notícias sobre a guerra: “– Novo bombardeio em Londres, vovó. (...) Inúmeros incêndios. Mortos à beça” (LOBATO, 2003, p.8). É a primeira das muitas vezes em que aparecerá na obra palavras derivadas do verbo *morrer*. Lobato traz para sua literatura infantil, sem meias palavras, o tema da guerra e da morte.

“O rosto de Dona Benta sombreou. Sempre que punha o pensamento na guerra ficava tão triste que Narizinho corria a sentar-se em seu colo para animá-la” (LOBATO, 2003, p.8). O clima da abertura de *A Chave do Tamanho* é de pura melancolia face à dura realidade, aos rumos tristes que tomava a humanidade; nem o Sítio, lugar mágico onde tantos encantamentos belos e alegres tomavam lugar, podia ficar alheio à tragédia em que se afundava o mundo, como conclui Dona Benta:

- (...) A humanidade forma um corpo só. Cada país é um membro desse corpo, como cada dedo, cada unha, cada mão, cada braço ou perna faz parte do nosso corpo. Uma bomba que cai numa casa de Londres e mata uma vovó de lá, como eu, e fere uma netinha como você, ou deixa aleijado um Pedrinho de lá, me dói tanto como se caísse aqui. É uma perversidade tão monstruosa, isso de bombardear inocentes, que tenho medo de não suportar por muito tempo o horror desta guerra. Vem-me vontade de morrer. Desde que a imensa desgraça começou não faço outra coisa senão pensar no sofrimento de tantos milhões de inocentes. Meu coração anda cheio da dor de todas as avós e mães distantes, que choram a matança de seus pobres filhos e netinhos. Aquela tristeza de Dona Benta andava a anoitecer o Sítio do Picapau, outrora tão alegre e feliz (LOBATO, 2003, pp.8-9).

O livro começa pelo pôr-do-sol e passa à tristeza que anoitecia o Sítio. No trecho acima, Lobato chama o leitor à reflexão de que a guerra atinge a todos, estejam ou não próximos aos locais mais atingidos, pertençam ou não às comunidades mais vitimizadas – todos, enquanto membros da humanidade, têm a responsabilidade de mobilização e atuação crítica para frear a barbárie.

A mobilização, em *A Chave do Tamanho*, não parte dos personagens adultos, mas do espírito crítico e inconformado de Emília. Assim o narrador descreve o pensamento da boneca insone:

Esta guerra já está durando demais, e se eu não fizer qualquer coisa, os famosos bombardeios aéreos continuam, e vão passando de cidade em cidade, e acabam chegando até aqui. Alguém abriu a chave da guerra. É preciso que outro alguém a feche. Mas onde fica a chave da guerra? Pessoa nenhuma sabe. Mas se eu tomar

uma pitada do superpó que o Visconde está fabricando, poderei voar até o fim do mundo e descobrir a Casa das Chaves (LOBATO, 2003, p.9).

Para Lobato, qualquer esperança de aprimoramento da humanidade estava definitivamente nas mãos das futuras gerações – daí, como já vimos anteriormente neste trabalho, sua decisão de escrever para crianças e contribuir para a formação de leitores aptos a resolverem digna e criticamente os desafios da existência.

E Emília, cheia de iniciativa, utiliza o superpó e consegue chegar à Casa das Chaves. Lá estavam todas as chaves que “regulam e graduam todas as coisas do mundo” (LOBATO, 2003, p.9). Nenhuma delas, entretanto, possuía a indicação de sua utilidade. Entre as diversas chaves disponíveis, Emília escolhe uma aleatoriamente – decisão que ela considerou um “método experimental” (LOBATO, 2003, p.9) – e puxou. Mas não era a chave da guerra: era *A Chave do Tamanho* que, instantaneamente, reduziu toda a humanidade ao tamanho dos insetos.

Emília passa a medir 1cm de altura, segundo a conta que ela mesma faz. A alteração de tamanho nos remete diretamente à Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll, alusão confirmada textualmente na voz de Emília em *A Chave do Tamanho*: “Aconteceu-me o que às vezes acontecia à Alice no País das Maravilhas. Ora ficava enorme a ponto de não caber em casas, ora ficava do tamanho dum mosquito. Eu fiquei pequeninha. Por quê?” (LOBATO, 2003, p.11).

A boneca logo conclui que o “apequenamento” não dever ter ocorrido só com ela, mas com a humanidade toda. A conclusão transforma o problema numa feliz solução: “– (...) Logo, toda a humanidade está reduzida e impedida de fazer guerra. Uf! Acabei com a guerra! Viva! Viva!” (LOBATO, 2003, p.11). O objetivo inicial, dar um fim na guerra, é atingido, ainda que por via indireta e tortuosa.

É neste momento que a metáfora primordial da narrativa se desdobra em, pelo menos, dois caminhos geniais: se por um lado a diminuição representa quão pequena se tornou a vida humana diante do genocídio da guerra, por outro lado é o “apequenamento” que possibilitará o fim, ainda que involuntário, da barbárie mundial, além de demandar, como veremos adiante na narrativa, a criação de uma nova civilização, com novas regras e novas formas de auto-preservação. A perda

de tamanho é, assim, a um só tempo, *destruição* da antiga forma de existência e *construção* de uma nova possibilidade de vida.

Emília logo percebe que as antigas formas de pensar e agir não terão mais lugar na nova realidade humana:

A situação era tão nova que as suas velhas idéias não serviam mais. Emília compreendeu um ponto que Dona Benta havia explicado, isto é, que *nossas idéias são filhas de nossa experiência*. Ora, a mudança de tamanho da humanidade vinha tornar as idéias tão inúteis como um tostão furado. A idéia duma caixa de fósforos, por exemplo, era a idéia duma coisinha que os homens carregavam no bolso. Mas com as criaturas diminuídas a ponto duma caixa de fósforos ficar do tamanho dum pedestal de estátua, a “idéia-de-caixa-de-fósforos” já não vale coisa nenhuma. A “idéia-de-leão” era dum terrível e perigosíssimo animal, comedor de gente; a “idéia-de-pinto” era a dum bichinho inofensivo. Agora é o contrário: o perigoso é o pinto (LOBATO, 2003, p.11).

Emília compreende que conceitos e comportamentos serão sempre categorias que se sustentam em *relatividade*. A idéia sobre o que seja o pior temor ou o mais grave perigo dependerá sempre do ponto de vista de quem a avalia. A alteração drástica de tamanho permite exatamente a mudança de perspectiva e de olha, possibilitando a *reelaboração* da realidade circundante em novos padrões. Vejamos como Emília sintoniza uma nova visão para a relatividade dos conceitos de tamanho:

Sei que estas imensidades que estou vendo não passam de verdadeiras pulgas perto de outras coisas ainda maiores, como as montanhas; e as montanhas não passam de pulgas perto de outra coisa maior, como a Terra; e a Terra é uma pulga perto do Sol; e o Sol é um espirro de pulga perto do Infinito. Como sei coisas, meu Deus! (LOBATO, 2003, p.15)

Emília precisa atravessa um jardim para conseguir chegar a uma casa que avista. O novo tamanho também tornou as distâncias muito maiores e o solo muito mais ameaçador, numa analogia direta com as distâncias e dificuldades criadas por uma guerra. A boneca filósofa durante toda a difícil travessia, chegando às mesmas conclusões evolucionistas de Charles Darwin, cuja teoria, aliás, parece agradar particularmente à competitiva e independente Emília, que sempre a utiliza como justificativa científica para a exploração e eliminação dos ‘mais fracos’, como já vimos em *O Minotauro*. Em *A Chave do Tamanho*, assim ela se apropria dos preceitos de Darwin:

Quem governa é uma invisível Lei Natural. (...) Simplesmente a *Lei De Quem Pode Mais*. Ninguém neste mundinho procura saber se o outro tem ou não tem razão. Não existe a palavra justiça. A Natureza só quer saber duma coisa: quem pode mais. O que pode mais tem o que quer, até o momento em que apareça outro que possa ainda mais e lhe tome tudo. E por que essa maldade? O Visconde diz que é por causa duma tal Seleção Natural, a coisa mais sem coração do mundo, mas que *sempre acerta*, pois obriga todas as criaturas a irem se aperfeiçoando. “Ah, você está parado, não se aperfeiçoa, não é?” diz a Seleção para um bichinho bobo. “Pois então leva a breca” (LOBATO, 2003, p.18).

Para enfrentar sua desvantagem em tamanho e adaptação em relação a vários bichinhos do jardim, Emília prontamente se arma, transformando um velho espinho de planta numa lança. A idéia desperta na boneca outra recorrente associação com um de seus personagens favoritos: “– Estou um D. Quixote, com esta tremenda lança – disse, pondo a arma debaixo do braço” (LOBATO, 2003, p.20). De fato, o enfrentamento de antes inofensivos insetos como verdadeiros monstros fantásticos nos lembra mesmo o grande fidalgo da Mancha.

Na seqüência, a narrativa vai dando conta das desventuras de Emília para conseguira atravessar o agora gigantesco jardim. Ao fim da jornada, Emília se dá conta de que está nua e não sente vergonha: “– Aprendi mais essa: *vergonha é coisa que depende do tamanho*” (LOBATO, 2003, p.23). Em seguida, a boneca avista uma família de pessoas igualmente minúsculas e atônitas com a nova situação. Mais uma vez, Emília fala que o único remédio é a *adaptação*:

– Chorar não adianta, Dona Nonoca. O que temos de fazer é nos adaptar. (...) Adaptar-se quer dizer ajeitar-se às situações. Ou fazemos isso ou levamos a breca. Estamos em pleno mundo biológico, onde o que vale é a força ou a esperteza (LOBATO, 2003, p.24).

É interessante observar como Emília, personagem representante da *fantasia* por excelência, aceita prontamente a nova realidade e imediatamente busca alternativas de adaptação a ela. A boneca falante segue as mesmas regras do pensamento tipicamente *infantil – regras do fantástico e do maravilhoso*, segundo as quais “apequenamento” ou “agigantamento” corporal, como vimos com Alice e suas maravilhas, são possibilidades palpáveis.

Dona Nonoca, o adulto interlocutor, ao contrário, não entende facilmente o que aconteceu com ela e sua família: “– E estávamos aqui olhando para o nosso velho jardim, transformado nesta mata gigantesca e sem fim, quando um horrível pé-de-vento nos jogou aqui” (LOBATO, 2003, p.24).

Os adultos do grupo não acreditam que diminuíram, pensam que as coisas é que aumentaram de tamanho, como se fosse mais ‘razoável’ aceitar a transformação do meio-ambiente do que a de sua própria conformação física, sua consciência corporal e sua auto-imagem. No eterno jogo das *relatividades*, a crença dos adultos leva até Emília à dúvida:

– Será que tudo ficou grande e as criaturas estão do mesmo tamanho de sempre ou tudo está do mesmo tamanho de sempre e fomos nós que diminuímos?
Pensou, pensou, pensou. O problema era dos mais sérios. Tanto podia ser uma coisa como outra – e em ambos os casos a situação das criaturinhas era exatamente a mesma (LOBATO, 2003, p.24).

A narrativa trabalha com a questão da *relatividade* das ‘verdades’ a partir do *fim das referências*: o velho jardim é agora uma mata gigantesca; os mais simples insetos são agora inimigos poderosos. Não seria esta uma alegoria perfeita da Segunda Guerra Mundial que assolava o mundo à época da narrativa? Naquele início tão triste da década de 1940, todas as referências de pensamento, ética, poder e civilização que sustentavam a humanidade até então caíram por terra. O mais sórdido ‘impossível’ se tornou ‘possível’ na civilização do genocídio, e o homem, ele mesmo e não um ‘outro’, se tornou o mais poderoso inimigo do homem.

Neste novo mundo onde as antigas regras não evitaram que o ‘impossível’ acontecesse, novas regras de sobrevivência se fazem urgentemente necessárias. As regras de sobrevivência vão surgindo da *experiência* – exatamente por isso, a primeira providência de Emília é repassar sua experiência para os incrédulos humanos:

– É preciso, primeiro – disse ela – o maior cuidado com os ventos. Qualquer ventinho nos derruba. Segundo: cuidado ainda maior com os passarinhos e as galinhas. (...) Terceiro: cuidado com os buracos redondos, porque em geral têm moradores dentro (...). Quarto conselho: cada um que arranje um espinho de cactos, porque se não fosse este aqui – e mostrou sua lança – eu já estava sugada por uma aranha (LOBATO, 2003, p.25).

O gato da família, chamado Manchinha, é outro símbolo de que, em situação de guerra, não é difícil surpreendermo-nos com antes improváveis inimigos. A família insiste em não fugir do gatinho de estimação, sempre tão manso e leal, não obstante os avisos de Emília:

– A “idéia de gato”, Senhor Apolinário, vinha de nossa antiga experiência de criaturas tamanhudas em relação aos gatos. Era a idéia dum animal perigoso para ratos, baratas e gafanhotos, mas inofensivo para nos. Agora, porém, temos de reformar essa idéia, como também temos de reformar todas as idéias tamanhudas, como por exemplo, a “idéia de pinto”, a “idéia de leão” e tantas outras. E quem não fizer assim, está perdido (LOBATO, 2003, p.25).

Observamos como Lobato traz para as crianças-leitoras discussões sobre *imagem, idéia e expressão*, sem adotar um tom teórico ou doutoral na abordagem destes conceitos.

Os personagens adultos, irreflexivos, não concordam com Emília. Como se o gato se aproximasse cada vez mais, procurando seus donos, a boneca agarra as duas crianças da família e se esconde numa rachadura do cimento. Lá fora, Manchinha devorou os donos adultos:

Que horrível cena! Apesar de durinha de coração, Emília arrepiou-se ao ver o meigo Manchinha, tão saudoso dos seus donos, comer sossegadamente os três insetos descascados que descobriu ali. (...) Vítimas da “lerdeza com que se adaptavam às novas condições de vida” (LOBATO, 2003, p.26).

Os adultos inadaptados morrem devorados por seu próprio animal de estimação, numa trágica *inversão da ordem das coisas*, deixando os dois filhos Juquinha e Candoca órfãos e aos cuidados de Emília. A boneca, considerada sem coração, poderia abandoná-los, “já que a situação do mundo era a de um geral ‘salve-se quem puder’” (LOBATO, 2003, p.26), mas não as deixou. Os órfãos, como se conclui facilmente, são símbolos naturais da guerra. Em outra *inversão da ordem*, nesta narrativa é a boneca que passará a cuidar das crianças, subvertendo a brincadeira tradicional.

Emília decide poupar as crianças e não conta a elas o trágico fim de seus pais. É outro momento para o Mestre Lobato nos ensinar a olhar as coisas em sua *relatividade*: “Logo, isso de mentira depende. Se é para o bem, viva a mentira! Se é para o mal, morra a mentira! E se a verdade é para o bem, viva a verdade! Mas se é para o mal, morra a verdade!” (LOBATO, 2003, p.26).

Como na verdadeira guerra, os meninos estão órfãos, nus e com frio. A mentira inventada por Emília de que seus pais haviam partido para um lugar “quentinho como uma cama” confortou ternamente as crianças (LOBATO, 2003, p.27).

Conversando com as crianças, Emília descobre que Candoca estava prestes a ir para o banho quando sobreveio a diminuição de tamanho da humanidade. O pensamento de Emília traz mais imagens de morte para esta obra infantil:

Emília horrorizou-se. Se a pequena já estivesse no banho quando sobreveio a “redução” teria morrido afogada. E pensou nos milhões de criaturas que pelo mundo a fora deviam naquele momento estar no banho e fatalmente morreram afogadas (LOBATO, 2003, p.27).

Nas aventuras de Emília com os órfãos que vão se seguindo ao longo da narrativa, é interessante notar que dentro da ‘nova realidade’ o maravilhoso também vai garantindo o seu lugar. Quando o menino Juquinha se entusiasma com a possibilidade de montar em um besouro voador – montaria bem melhor do que um cavalo que não voa –, Emília se refere ao maravilhoso como um *passado histórico* factual: “– Antigamente os cavalos também voavam (...). Na Grécia houve um tal Pégaso que voava maravilhosamente. O Walt Disney pintou o retrato dele, da Pégasa e dos Pegasosinhos, naquela fita Fantasia. Não viu?” (LOBATO, 2003, p.30). Além disso, a boneca já enxerga o maravilhoso em sua situação atual, dizendo às crianças:

– Mas depois da Grécia os cavalos perderam as asas, como as içás quando enjoam de voar e descem. Já agora podemos ter quantos Pégasos quisermos. Podemos montar em besouros, em borboletas, e até em libelinhas. Imaginem que gosto, voarmos montados na velocidade incrível das libelinhas! (LOBATO, 2003, p.30).

Nessa ‘nova realidade’, que traz em si até seu ‘novo maravilhoso’, Emília não vê apenas a destruição da civilização anterior, mas a possibilidade de criação de uma civilização melhor do que aquela que conduziu o mundo à Segunda Guerra Mundial. Monteiro Lobato não promove a desesperança:

– Como esses bichinhos sabem arrumar-se num mundo tão grande! – murmurou Emília – cada qual descobre um jeito. Por isso tenho tanta fé na humanidade futura, isto é, na humanidade de daqui por diante – a humanidade pequenina. Com a nossa inteligência, poderemos operar maravilhas ainda maiores que as dos insetos (LOBATO, 2003, p.32).

Emília e os órfãos caminham pelo novo mundo de homens diminutos. A visão de um automóvel destruído é ensejo para mais uma representação da idéia de morte na narrativa. A forma como Lobato compõe a passagem, através da voz

de Emília, relaciona-a ainda mais diretamente com uma verdadeira imagem da destruição da guerra:

– Todos os automóveis que estavam em movimento na hora da “redução” foram para o bebelê. Perderam o governo. Esborracharam-se de encontro às casas. O mesmo deve ter acontecido a todos os aviões nos ares, e a todos os trens em marcha e a todos os navios no mar. Tudo levou a breca (LOBATO, 2003, p.34).

A descrição detalhada do cenário percorrido pelas crianças, composto de ruas, casas e automóveis, situa ainda mais claramente esta obra de Lobato no espaço urbano ‘real’ da época da narrativa. Ao definir mais particularmente um tempo (os anos da Segunda Grande Guerra) e um espaço (nosso mundo palpável), apropriando-se de ambos com forte crítica social, *A Chave do Tamanho* se reveste de elementos do *fantástico*, ao contrário das obras anteriormente estudadas neste trabalho, onde os elementos do maravilhoso nem sempre dialogavam diretamente com a realidade concreta atual vivenciada pelos leitores.

É neste sentido que concordamos com Eliana Yunes em *O Lugar da Fantasia na Literatura Infantil*, quando propõe:

A questão realista é sobretudo de ordem filosófica e atinge a linguagem por inteiro. (...) Além desta função referencial, designativa, a linguagem exerce outras envolvendo percepções particulares de mundo, implicando uma visão a partir de diferenças. O resultado é um sistema simbólico, metafórico, onde o objeto é recuperado em sua originalidade, re(a)presentado mimenticamente, não como imitação, mas como real mesmo (YUNES, 1981, p.7).

Em momento posterior da história, Dona Benta, em diálogo com Narizinho, compara a diminuição do tamanho com outras aventuras *maravilhosas* vividas pelos habitantes do Sítio, que sempre alcançaram um *final feliz*. A resposta de Narizinho a Dona Benta, entretanto, confere à narrativa tintas do *fantástico* que transbordam os limites da obra e a relacionam diretamente à realidade referencial de seus receptores: “– Agora é diferente, vovó. Naquelas aventuras as coisas aconteciam só para nós; o que agora aconteceu alcançou a humanidade inteira” (LOBATO, 2003, p.62).

A raça humana se tornou mesmo um elemento ínfimo na Natureza, presa fácil para a maioria dos outros bichos. De nada mais valem os títulos ou posses da vida anterior, o que comanda agora é o poder dos bichos maiores, como conclui Emília: “– Pois é. Hoje qualquer gato vagabundo come um rei, um general, um

sábio, um pre-fei-to, com a mesma facilidade com que antigamente o Manchinha comia baratas” (LOBATO, 2003, p.34).

Depois de muitos percalços, Emília acaba encontrando o Visconde, que não havia diminuído de tamanho. Ao saber que Emília causara a catástrofe do tamanho, o sabugo a coloca como bruxa e algoz da nossa civilização:

– Pois o que você fez passa de todas as contas, Emília! Se os homens souberem, não perdoam. Agarram-na e assam-na viva na maior das fogueiras. Incrível! Destruir o tamanho das criaturas! Sabe que isso corresponde a destruir toda a civilização humana? Desde que o mundo é mundo, os homens, com as maiores dificuldades, foram construindo essa civilização feita de casas, máquinas, estradas, veículos, idéias. Tudo estava em relação com o tamanho natural dos homens. Mas agora com a redução do tamanho, nada mais serve e, portanto, o que você fez Emília, foi destruir a civilização! Des-tru-ir a ci-vi-li-za-ção!... Do tamanhinho que os homens ficaram, eles têm de criar outra civilização muito diferente – isso na hipótese de subsistirem (LOBATO, 2003, p.44).

Mas a boneca não se abate com as duras palavras do sábio e rebate as acusações demonstrando que, com os rumos que nossa civilização vinha tomando, não se perdeu grande coisa. Aliás, solucionou-se o problema da guerra. Vejamos nas brilhantes palavras da própria Emília:

– Por que horrorizar-me? Eles não estavam se matando uns aos outros? Eu até lhes poupei o horrível trabalho da matança a tiros de canhão. (...) *Homo sapiens* duma figa! Morrem muitos, bem sei. Morrem milhões, mas basta que fique um casal de Adão e Eva para que tudo recomece. O mundo já nadava muito cheio de gente. A verdadeira causa da guerra estava nisso – gente demais, como Dona Benta vivia dizendo. O que fiz foi uma limpeza. Aliviei o mundo. A vida agora vai começar de novo – e muito mais interessante. Acabaram-se os canhões, e tanques, e pólvora, e bombas incendiárias. Vamos ter coisas muito superiores – besouros para voar, tropas de formiga par ao transporte de cargas, o problema da alimentação resolvido, porque com uma isca de qualquer coisa um estômago se enche, *et coetera* e tal (LOBATO, 2003, p.44).

O Visconde não consegue negar a acuidade de algumas colocações da boneca, que paulatinamente vai convencendo-o das bênçãos da nova realidade humana: “– A tal ‘civilização clássica’ estava chegando ao fim. (...) Eu até me admiro de ver um sábio (...) defender um mundo de ditadores, cada qual pior que o outro” (LOBATO, 2003, p.45).

Não podemos deixar de notar que Emília, como sempre, também não deixa de ser uma ditadora – afinal, nenhum homem concordou com a diminuição de tamanho, nem foi consultado se concordava ou não a nova civilização proposta pela boneca. Prova da tirania de Emília é que, nesta aventura, ela se aloja na

cartola do Visconde, lá construindo um ‘sítio’ para si, dotado até de ‘cordinhas’ para chamar o sábio lá de cima. Morando na cabeça do sábio e controlando-o com cordinhas, Emília, verdadeira tirana, é a dona de uma marionete viva. A imagem de Emília ‘governando’ a cabeça do sábio Visconde nos remete à idéia do *pensamento original e criativo* conduzindo o *saber instituído*.

A voz do narrador dá a medida da submissão de Visconde às vontades de Emília:

Apesar de transformado no maior gigante do mundo, o Visconde, pela força do hábito, obedecia à Emília do mesmo modo que antigamente. E ela agora se tornara o seu verdadeiro cérebro, a manobradora de sua vontade. Parecia incrível que aquele piolhinho de gente, lá dentro da cartola, o conduzia para onde queria (LOBATO, 2003, p.50).

Embora até concorde com alguns dos argumentos de Emília sobre o fracasso da civilização humana “tamanhuda”, como diria a boneca, o democrata Visconde decide que “os povos do Picapau Amarelo” devem ser consultados “e se a maioria quiser esta Ordem Nova, então que fique tudo como está” (LOBATO, 2003, p.45).

Quando chegam ao Sítio, Emília descobre que todos lá estão com o tamanho reduzido. Visconde explica que “– Pedrinho estava completamente bobo, o que era natural, pois uma transformação daquela ordem desorganiza as idéias duma criatura. Não há quem resista” (LOBATO, 2003, p.48). O comentário não poderia aludir com mais exatidão à subversão de conceitos e formas de existência causada pela guerra. Aliás, não faltam na narrativa passagens que evocam diretamente imagens onde a existência parece encontrar seu limite, como esta: “Dona Benta e Narizinho abraçavam-se muito agarradas, como mães e filhas durante os naufrágios no mar. Que cena, meu Deus!” (LOBATO, 2003, p.48).

Da turma que estava no Sítio na ocasião do “apequenamento”, “Narizinho foi a primeira a achar possível ter acontecido a mesma coisa a toda a humanidade” (LOBATO, 2003, p.48), o que corrobora com nossa menção anterior à maior facilidade com que os representantes do pensamento infantil aceitam a Ordem Nova.

Visconde resgata o Coronel Teodorico em seu sítio e o traz para o Sítio do Picapau Amarelo. Da mesma forma que outros personagens adultos, O Coronel não crê que diminuiu de tamanho, mas sim que as coisas à sua volta aumentaram drasticamente. A explicação que Emília lhe dá sobre a nova situação revela que a

nova civilização humana voltará às origens, às formas de existência simples e algo selvagem: “– Não há mais dívidas, Coronel. Nem há mais dinheiro, nem nada do mundo grande. Agora é tudo ali no pequenino; a vida dos homens vai ser a mesma dos insetos” (LOBATO, 2003, p.51).

A Ordem Nova inverte valores e papéis sociais. O outrora rico e poderoso Coronel Teodorico se torna pequeno como um inseto e, verdadeiramente exposto ao ridículo, acaba cobrindo sua nudez com um flor que lhe serve de saia.

Dona Benta, mais uma vez destacando o caráter relativo de toda apreensão da realidade, filosofa: “– Não sei se sou gente grande que está sonhando que é gentinha, ou se sempre fui gentinha que por muito tempo sonhou que era gente grande” (LOBATO, 2003, p.63). Para o Coronel Teodorico, representante do orgulho dos indivíduos socialmente privilegiados, não há nada de sonho naquela situação que lhe tomou a auto-imagem de poder:

– (...) Isto é pesadelo. Não pode ser verdade. Onde já se viu um homem que nunca teve medo de nada, e vivia na fartura, acabar escondido numa fresta de rodapé, perto duma barata enorme, tremendo de medo dos seus próprios leitões soltos pela sala? (...) O que me parece é que estou louco. (...) Quem sabe se nós não enlouquecemos (...)? Quem sabe se não há nada disto, e tudo é ilusão nossa? (LOBATO, 2003, p.63).

Pela citação acima, concluímos que para o Coronel é mais fácil aceitar a própria loucura do que a intervenção de ‘forças externas’ em sua realidade corporal e, conseqüentemente, sua posição na Natureza. O que faz a guerra é exatamente isso: nos tomar o poder sobre nosso próprio corpo, sua saúde e integridade, nos tomar não apenas nossas estruturas, nossos bens, meios e aparatos para viver mas também nossa própria liberdade de poder viver. A guerra nos retira a condição de *sujeitos* de nossa jornada pessoal e social para nos reduzir a *números* – algarismos que nos representam em listas mórbidas de baixas, execuções ou prisões.

Emília protesta com o Coronel que “uma loucura assim de toda gente não pode ser loucura – loucura é coisa só de uns” (LOBATO, 2003, p.63). A boneca também não aceita que tudo não passe de um sonho: “– Parece incrível que não percebam o que houve. O mundo é uma máquina de mil peças. Com certeza alguma peça saiu do lugar – é isso” (LOBATO, 2003, p.64). Emília não tem qualquer problema em aceitar e encarar que mesmo o que parecia impossível

pode, sim, acontecer. E já que a civilização anterior entrou em colapso, como comprova o genocídio da Segunda Guerra. Emília considera a redução de tamanho da humanidade uma salvação para o mundo e argumenta, com toda sua tirania, com Dona Benta:

– (...) Quer então a senhora que eu deixe o mundo como estava, dividido em duas partes, uma matando a outra, bombardeando as cidades, escangalhando tudo? Ah, isso é que não. Ou acabo com a guerra e com esses ódios que estragam a vida, ou acabo com a espécie humana. Comigo é ali na batata! (LOBATO, 2003, p.64).

O Visconde percebe claramente que a tirania de Emília em sua decisão de acabar com a civilização que até então existia não se deve a um “pouco caso” da boneca com a humanidade, mas, ao contrário, de “muito caso” (LOBATO, 2003, pp.64-65): “Emília é filósofa, pensou o Visconde, e quando se põe a filosofar parece que tem coração duro mas não tem. Emília é filosoficamente boa” (LOBATO, 2003, p.65).

Visconde reflete ainda que se a humanidade se extinguir de vez não impedirá que o planeta e outras espécies continuem a viver:

“– (...) E que adiantará a ‘História do Grande Desastre’ que eu possa escrever em minhas memórias? Não existirá ninguém para lê-la. E o curioso é que o mundo continuará a rodar como se não tivesse havido nada. O burro, o Quindim, (...) até os micróbios, continuarão a existir como até hoje – e até ficarão muito contentes com o sumiço do *Homo sapiens*. Porque o *Homo sapiens* era o que mais atrapalhava a vida natural dos bichos” (LOBATO, 2003, p.65).

Antes de decidir se os homens devem ou não recuperar seu tamanho original, Emília estabelece que ela e Visconde, com auxílio do superpó, precisam viajar pelo mundo para avaliar a situação real da humanidade. A primeira parada é em Berlim, com a Segunda Guerra Mundial em andamento. As consequências da redução de tamanho reforçam ainda mais as imagens do aniquilamento trazido pela guerra:

A capital da Alemanha pareceu-lhes perfeitamente morta. A enorme quantidade de montinhos de roupa em todas as ruas revelava a sua grande população. Na maioria eram montinhos de farda, com um capacete ou quepe em cima. Inúmeros automóveis despedaçados, quase todos militares. (...) A população estava em plena atividade nas ruas, quando subitamente desapareceu. O que de fato havia acontecido à humanidade inteira fora isso – um desaparecimento (LOBATO, 2003, p.66).

A partir da idéia do “desaparecimento” da humanidade causado pela perda do tamanho, o narrador reflete sobre a dimensão do ato de Emília ao mexer na chave, alegoria da dimensão dos atos de extermínio da Segunda Guerra:

Foi isso que se deu: a completa extinção da humanidade, porque os insetos de dois pés que a substituíram já não eram propriamente a Humanidade – eram a Bichidade, como Emília os classificou. E, portanto, ela, a Emília, a Emília do sítio de Dona Benta, havia realizado um prodígio sem nome: suprimido a Humanidade! O que os gelos do períodos glaciais na conseguiram e o que não conseguiram as erupções vulcânicas, e os terremotos, e as inundações, e as pestes, e as grandes guerras, a marquesinha de Rabicó havia conseguido da maneira mais simples – com uma virada de chave! Aquilo era positivamente o Himalaia dos assombros (LOBATO, 2003, p.66).

Visconde, em suas considerações filosóficas, não deixa de observar a queda da então opressora Alemanha pela perda do tamanho dos membros de sua população:

– (...) Esta gente, que era a mais terrível e belicosa do mundo e estava empenhada numa guerra para a conquista do planeta, ainda é mentalmente a mesma (...), ainda sente e pensa da mesma maneira. (...) Os químicos sabem fazer prodígios com a combinação de átomos. (...) Os militares sabem todos os segredos da arte de matar. Mas como perderam o tamanho, já não podem coisa nenhuma. Sabem, mas não *podem*. Que coisa terrível para eles! (...) O tamanho era tudo (...), todo o aparelhamento mecânico da humanidade fora feito para os homens daquele tamanho (LOBATO, 2003, p.67).

Berlim, com todos os seus atributos de urbanidade, quase não tinha mais valor para seus habitantes: “Aquela grande cidade, com todas as suas máquinas e veículos e organizações, valia menos, para os novos insetos louros, do que um burquinho na terra (dos sem dono dentro) ou uma fresta no rodapé” (LOBATO, 2003, p.67).

O objetivo de Visconde e Emília é falar sobre a guerra e as novas condições de existência com o Chefe de Estado da Alemanha, cujo nome Lobato jamais menciona, apelidando-o apenas de “O Grande Ditador”. Ao avistar o palácio do governo em Berlim, Visconde comenta:

– Aqui morava o ditador que levou o mundo inteiro à maior das guerras, e destruía cidades e mais cidades com os seus aviões, e afundava os navios com os seus submarinos, e matava milhares e milhares de homens com os seus canhões e as suas metralhadoras – o homem mais poderoso que jamais existiu. Tudo isso por quê? Porque tinha oito palmos e meio de altura. Assim que foi reduzido a quatro centímetros, todo o seu poder evaporou-se. Ele, se é que ainda não foi para o papo de algum pinto sura, permanece o mesmo, com a mesma energia mental, a mesma

disposição destruidora e a mesma vontade de aço – mas não pode mais nada (LOBATO, 2003, p.67).

Emília e Visconde procuram o “Chefe do Eixo” entre os sobreviventes escondidos no palácio do governo, tentando reconhecê-lo através do singular bigode. O pito que Emília passa no Grande Ditador é uma passagem antológica que não podemos deixar de reproduzir:

– Meu senhor – disse ela – tenho a honra de apresentar (...) o Visconde de Sabugosa (...). E também me apresento a mim mesma – *frau* Emília, Marquesa von Rabicó. (...) O Visconde (...) é um grande sábio – hoje o maior sábio do mundo. E não é judeu, não, Excelência. Não tenha medo. (...) E quem acabou com o Tamanho eu sei quem foi (...) – aquele tamanho malvado, porque se não fosse ele os homens não teriam sido maus como foram, fazedores de guerras, incendiadores de cidades, afundadores de navios, judiadores de judeus. Mas esse misterioso alguém só restaurará o tamanho perdido se tiver a certeza de que Vossa Excelência vai fazer a paz, e botar fora todas as horrendas armas que andou amontoando, e desse momento em diante viverá na mesma paz e harmonia em que vivem as formigas e abelhas. Se o tamanho voltar e tudo ficar como estava, quero vida nova, sem guerras, sem ódios, sem matança, sem armas, está entendendo? (...) Não diga nada, meu senhor. Já houve falação demais. Quem fala agora sou eu. Quero todos muito direitinhos e humildes. Esta semana de “redução” não passa duma advertência que o tal “alguém” faz ao mundo. Compreende? (LOBATO, 2003, p.68).

Depois da merecida bronca, Emília e Visconde viajam ao Japão para pedir contas ao Imperador daquele país, mas encontram-no reduzido a “uma tripinha cor de cuia” (LOBATO, 2003, p.69). Dali, partem para a Rússia e assombraram-se porque “aqueles milhares de homens que os Ditadores tinham remetido para os gelos estavam todos mortos” (LOBATO, 2003, p.69). Emília fica estarrecida com os estragos ainda maiores acrescidos pelo inclemente frio russo ao problema da redução de tamanho. Sentindo já bastante frio, ela dá ordem ao Visconde para partirem para um bom clima: o próximo destino será a Califórnia.

A chegada aos Estados Unidos da América é marcada pelo capítulo XX, intitulado *A Cidade do Balde*. O capítulo funciona como uma reviravolta na narrativa: se nas paradas anteriores só se viu desolação e destruição, nas terras americanas o que se encontra é reconstrução e adaptação produtiva às novas condições de vida.

A partir de um balde velho, uma comunidade de humanos diminutos organizava-se em um início de civilização, com soluções inovadoras e perfeita distribuição de tarefas e responsabilidades: “Que espetáculo maravilhoso! Um

verdadeiro núcleo de civilização nova que se ia formando – um começo de tribo. Aqueles insetos acomodaram-se debaixo do balde e estavam construindo coisas” (LOBATO, 2003, p.70).

Visconde observa que dois membros do grupo domavam um besouro, puxando-o pelo cabresto. O sábio conclui que se trata do “primeiro passo para a domesticação dos insetos” (LOBATO, 2003, p.71). Embora Emília já tivesse tido a idéia de usar besouros como transporte aéreo, o que vemos nesta comunidade vai além da ‘idéia’: é a mobilização, o trabalho conjunto para a domesticação de outra espécie, o que sugere que, paulatinamente, a humanidade, embora em nova condição, retomaria seu lugar de dominação de outras espécies e aproveitamento dos recursos disponíveis no meio.

Emília e Visconde logo conhecem o líder daquela comunidade. É o Doutor Barnes, não por acaso um professor de Antropologia da Universidade de Princeton. Doutor Barnes logo demonstra sua inteligência e flexibilidade de pensamento ao declarar: “– Perdemos o tamanho” (LOBATO, 2003, p.71). O professor se refere com serenidade e sem relutância à perda de tamanho, encantando Emília: “– Estou encantada de ouvir um sábio como o senhor falar assim, porque os ignorantes pensam de modo contrário. Aham que se conservam tamanhudos como sempre e que as coisas em redor é que aumentaram” (LOBATO, 2003, p.71).

O pensamento científico do Doutor Barnes permite que o sábio conceba alteração de tamanho de uma espécie, fenômeno até comum no curso da evolução: “– A novidade é que (...) neste caso da humanidade o fenômeno ocorreu de um momento para outro. Todas as teorias da evolução que eu conheço não previram esta hipótese da redução instantânea” (LOBATO, 2003, p.72).

Doutor Barnes vai explicando em pormenores toda a estrutura da Cidade do Balde e as soluções encontradas para a alimentação, vestuário, caça, e outras necessidades. Passando para o capítulo seguinte, sugestivamente intitulado de *A Ordem Nova*, o doutor compartilha sua fé na capacidade humana de adaptação à nova realidade: “– (...) Não só subsistir, como até criar uma nova civilização muito mais agradável do que a velha – sem os horrores da desigualdade social e da fome, das blitzkriegs e das inúteis complicações criadas pelos inventos mecânicos” (LOBATO, 2003, p.74).

O professor prossegue revelando sua curiosa tese de que muitos dos males da humanidade foram ocasionados pela descoberta e domínio do fogo – elemento-símbolo do início do maravilhoso progresso humano, verdadeiro divisor de águas em sua evolução, sem contar na alegoria mitológica de conquista da sabedoria que a posse do fogo representa. Para Doutor Barnes, o fogo e seu filho, o ferro, causaram as grandes guerras e até a multiplicação desenfreada de homens na Terra, através das melhorias de condições de vida propiciada por ambos: “– Que foi a última guerra senão o desabamento em cima do homem de toda a civilização baseada no ferro sob a forma de tanques, canhões, fuzis, metralhadoras, bombas aéreas, etc.?” (LOBATO, 2003, p.75).

Às proposições do doutor, Visconde acrescenta que, de fato, todas as outras espécies animais sobrevivem perfeitamente sem a utilização do fogo. Para a felicidade de Emília, Doutor Barnes revela ainda que considerou uma maravilha a mudança de tamanho, uma verdadeira oportunidade de modificar o triste caminho que havia seguido a humanidade.

Emília traz para a discussão o que talvez seria a única desvantagem do novo tamanho: a perda de todo o conhecimento acumulado pela história humana em livros. Com o novo tamanho, não seria possível ler os textos, conservados em seus tamanhos originais. Mas nem isto abala o otimismo empreendedor de Doutor Barnes, que explica: “– (...) Antes de existirem livros já existia cultura. Temos as nossas cabeças, e dentro delas a memória. Iremos transmitindo a ciência de uma cabeça para outra. E muita coisa poderemos escrever em palhinhas ou pétalas secas. (...) – e mandou buscar lá dentro o seu livro de notas” (LOBATO, 2003, p.76). Lobato propõe a discussão do livro como suporte, antecipando questão contemporânea dos novos suportes da escrita.

O líder da comunidade da Cidade do Balde não era um cientista preso às antigas conquistas, mas um sábio visionário que enxerga solução onde outros veriam limitação. Seu pensamento criativo para aceitar e organizar a nova realidade o identificam especialmente com Emília, como confirma a voz do narrador: “Aquele sábio era uma verdadeira Emília masculinizada. Sua imaginação também disparava de freio nos dentes” (LOBATO, 2003, p.77). É interessante observar que Lobato associa Emília, em seu inconformismo, em sua impulsividade e inventividade, a um personagem representante do saber científico, racional e letrado. A mensagem é que a conservação do *estado de coisas* nem

sempre anda de mãos dadas com sabedoria e a transformação de uma realidade traz em si a potência de recriação e reconstrução.

O Visconde, a figura do sábio por excelência na constelação lobatiana, também não resiste à sagacidade do pensamento de Emília Visconde conclui: “– O Tamanho era o mal. Produzia escassez. É no destamanho que está a abundância”. E o narrador traduz: “Aquela história de andar com Emília em cima da cabeça estava ‘emiliando’ o Visconde. – *Destamanho!* É boa” (LOBATO, 2003, p.78).

É interessante notar a metáfora do tamanho para falar do ‘mal’. Não por acaso Lobato privilegia esta imagem na obra. Quando cresce a arrogância, cresce a prepotência e decresce a compaixão e a partilha. O Estado, quando onipresente e ‘grande’ em poder de interferência, é um peso que oprime os homens, como já vimos Lobato afirmar em *O Minotauro*. Por outro lado, o nome ‘Grande Ditador’ nos remete à idéia de que ‘os grandes oprimem as nações’, como nas palavras de Cristo nos Evangelhos.

De fato, com o tamanho reduzido, seria muito mais fácil conseguir um nível ótimo de fartura. O fim da velocidade e da pressa também possibilitaram aos homens de *Pail City* a redescoberta do prazer do trabalho e da beleza da execução de mínimas tarefas que colaboram para o bem de toda a comunidade. O próprio Visconde coloca seu tamanho avantajado a serviço do grupo, executando serviços complicados para aqueles que perderam o tamanho. O sucesso da experiência humana na Cidade do Balde fez Emília decidir sabotar o Tamanho no plebiscito que fariam no retorno ao Sítio do Picapau Amarelo.

Desde o “apequenamento” da humanidade, é a primeira vez que a narrativa apresenta um agrupamento humano preocupado em organizar-se em coletividade para a produção de meios para a sobrevivência. Reduzidos ao tamanho de insetos, os habitantes norte-americanos de *Pail City*, a Cidade do Balde, aliam a natureza gregária do homem ao exemplo das abelhas e das formigas de forma inventiva.

Na obra lobatiana, os Estados Unidos, geograficamente distantes da guerra na Europa (mas não imunes a ela, como atesta o ataque a Pearl Habor), despontam como o lugar-símbolo de uma nova civilização, lar de novos progressos para a espécie humana. Lobato antecipa, assim, a sedimentação da posição de nova potência mundial que os Estados Unidos conquistaram definitivamente quando venceram as forças do Eixo na Segunda Guerra Mundial.

Depois da visita à Califórnia, Emília e Visconde partem para a Casa Branca, em Washington, dando prosseguimento à investigação sobre o estado da humanidade. Lá chegando, um dos ministros norte-americanos revela que o governo não existe mais: “– (...) O governo americano, que era o mais poderoso do mundo, está hoje nu, com frio, sem sequer uma tanga para os rins, sem sombra de povo, sem força, sem a menor idéia na cabeça. Quais são hoje os problemas do governo americano?” (LOBATO, 2003, p.79).

Um dos exemplos do maravilhoso humor que Lobato imprime à sua literatura infantil é a resposta do Presidente americano, através do narrador, à indagação do ministro: “O problema número um do governo americano, o problema que tinha vindo substituir o da luta contra o Japão e a Alemanha, era fechar a janela da sala e manter o fogo da lareira” (LOBATO, 2003, p.79).

No jogo das inversões, o poderio norte-americano pode estar ameaçado simplesmente pelo frio que entra de uma janela aberta. Mas o Ministro das Obras Públicas tem uma idéia para solucionar os dois maiores problemas do governo americano: utilizar o ‘gigante’ Visconde para fechar a janela e trazer lenha para a lareira.

Enquanto Visconde realiza as tarefas, Emília entra em conferência com o governo para narrar as maravilhosas conquistas do povo de *Pail City*. As várias providências tomadas pelo Visconde para garantir a sobrevivência dos membros do governo, provendo calor e até alimentação, e mais as revelações otimistas de Emília, encheram os políticos de esperança: “O ar de desespero dos ministros foi mudando. Mostraram-se mais contentes e felizes. As possibilidades da civilização nova eram realmente encantadoras” (LOBATO, 2003, p.81). Lobato coloca seus personagens maravilhosos, a boneca e o sabugo falantes, representantes do imaginário, como provedores de esperança de recriação ao governo das terras onde provavelmente se daria a gênese de uma nova civilização humana.

Depois de cumprir a missão, voltam ambos para o Sítio para a realização do plebiscito que decidiria a volta ou não do tamanho original da humanidade. Emília não consegue impedir que Visconde, com voto decisivo, vote pela volta do tamanho. O sabugo estava farto de ser comandado por Emília e apreensivo com suas novas responsabilidades de único ‘gigante’ do Sítio, a mercê de empréstimos até para outros governos. A chave do tamanho é recolocada na posição antiga e

toda a humanidade recupera seu tamanho original, o que, segundo a narrativa, também gerou muitas mortes de pessoas entaladas em frestas e buraquinhos.

Mas a narrativa chega ao fim em tom de comicidade, com o Coronel Teodorico outra vez grande, totalmente nu no Sítio de Dona Benta. O que faz esta obra-prima lobatiana é isto mesmo: desnudar e pôr às claras a decadência de uma civilização que conduziu o mundo à Segunda Guerra Mundial.

Como podemos concluir, em *A Chave do Tamanho*, a exemplo do que ocorre nas outras obras infantis de Lobato, a narrativa a princípio destinada às crianças despe-se de seu caráter meramente didático ao utilizar a fantasia como forma para a crítica das mazelas da realidade referencial dos leitores, bem como para o convite à participação ativa na transformação de tal realidade.

Aliás, em *A Chave do Tamanho*, a fantasia não se presta à transmissão de pensamentos e atitudes desejáveis nas crianças para manutenção de um sistema social vigente, mas, exatamente ao contrário, a fantasia propicia metaforicamente a interferência direta em uma civilização falida como tentativa de se criar uma nova civilização pacífica – uma fantasia de destruição e (re)construção. Nas palavras de Eliana Yunes, na já citada obra *O Lugar da Fantasia na Literatura Infantil*, nesta perspectiva *libertadora*,

a fantasia do discurso literário recupera o espaço da existência (ex-sístere) infantil, contribuindo para a compreensão/expressão das ambivalências, anseios e angústias mal formuladas enquanto projeção do eu. A fantasia aportada do texto pela palavra simbólica se configura como brinquedo e re-presentação onde o lúdico equivale à participação e significa engajamento (YUNES, 1981, p.10).